



**em tempos
de opacidade**

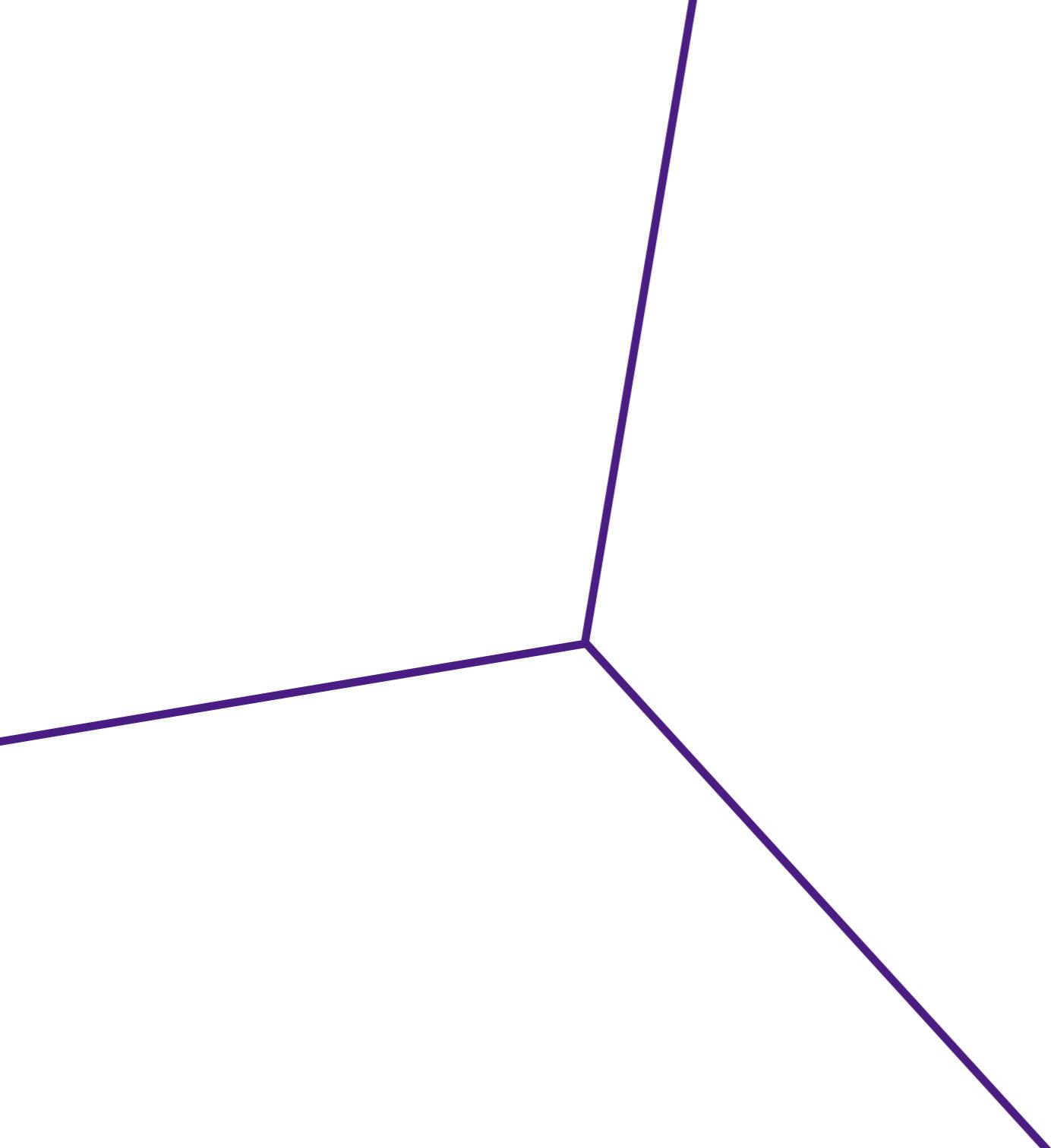
PREFEITURA DE MARINGÁ

PREFEITURA DE MARINGÁ
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

em tempos de opacidade

CURADORIA DE ROBERTA STUBS

11.03.2022 - 4.05.2022



Para nossa gestão, Cultura importa. Maringá, desde que assumimos, passou a ser do maringaense. Não só sobre os espaços públicos, mas também sobre serviços, projetos e eventos para todos. Tivemos, e ainda temos, sucesso na missão de implantar políticas públicas a favor do cenário cultural da cidade, incluindo todos os públicos e artistas.

A descentralização é uma das marcas do nosso trabalho. Nada é mais gratificante do que ver a comunidade do bairro feliz ao acompanhar, pertinho de casa, atrações gratuitas de dança, teatro, cinema, circo, show e outras. Muitos tiveram a oportunidade de participar pela primeira vez. Isso não tem preço!

É importante destacar que são eventos de qualidade, gratuitos, que valorizam os excelentes artistas locais que temos em Maringá, além dos nomes nacionais que já trouxemos na música, por exemplo, podemos citar: Titãs, Renato Teixeira, Sérgio Reis, Lenine, Oswaldo Montenegro, Ana Cãnas, Leci Brandão e Majur, para shows em praças e teatros públicos. Algo que nunca havia sido feito.

Além da música, temos exemplos em todas as áreas culturais. Passamos a investir mais na grande Festa Literária Internacional de Maringá (Flim) e em projetos como: Artes nas Praças e Parques, Cinema

à Céu Aberto, Expresso Cultural, Mês da Música, Virada Cultural, os 'Convites', Volta História. Além disso, claro, criamos o Seminário de Arte Contemporânea (SMAC), que rendeu uma série de ações, sendo esta exposição uma delas.

Vale registrar também que, pela primeira vez, lançamos editais artísticos inclusivos, com incentivo a participação de minorias sociais, como pessoas negras, indígenas etc. Essa é nossa gestão humanizada, acessível e democrática.

A exposição "Em tempos de opacidade", montada a partir do acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC), aberta recentemente na cidade em parceria da Universidade Estadual de Maringá (UEM), apresenta trabalhos que foram premiados em salões de arte e bienais. Isso demonstra o quanto nossa gestão se preocupa em trazer trabalhos de relevância internacional para os maringaenses e toda população da região prestigiar.

Maringá é desenvolvida e, aqui, a cultura caminha junto com a economia criativa. Nós movimentamos a indústria das ideias para promover a diversidade cultural e impactar a economia, com retorno para o município. É geração de emprego, renda e desenvolvimento humano!

Aproveito o espaço para citar que fomos nós que revitalizamos um dos principais equipamentos históricos e culturais da cidade: o Centro de Ação Cultural (CAC). Renovamos o acervo nas seis bibliotecas municipais, bem como implantamos sistema informatizado de controle para empréstimo de livros. Vamos deixar ainda mais nosso legado com a restauração do Cine Teatro Plaza e construção do Centro Cultural "Ágora", com projeto do Oscar Niemeyer.

Cultura não é gasto. É investimento. É qualidade de vida. Cumprimos nossa promessa de aumentar o orçamento e saltamos para R\$ 22 milhões (1% do orçamento municipal), o que corresponde ao maior valor já investido na história do município. E assim vamos avançar cada vez mais. Maringá merece! Afinal, somos a melhor cidade do Brasil para se viver. E a melhor cidade precisa garantir qualidade de vida para todos e todas.

ULISSES MAIA
Prefeito de Maringá 2017 - atual



with various
applicable

sumário

11 **apresentação**

Ana Rocha

13 **uma exposição que já está na história**

Victor Simião

17 **em tempos de opacidade**

Roberta Stubs

26 **exposição**

40 **vórtices**

87 **vórtices vivos: um educativo para além do tempo de opacidade**

Maddox - Cleberson Diego Gonçalves

Apresentação

A exposição “Em Tempos de Opacidade” é resultado de um grande trabalho coletivo: ela surgiu da parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura de Maringá, a Universidade Estadual de Maringá e o Museu de Arte Contemporânea do Paraná através da Superintendência-Geral da Cultura do Paraná. Esse esforço conjunto é fundamental para que a coleção do MAC Paraná, um museu estadual sediado em uma capital, Curitiba, possa chegar aos municípios de todas as regiões do Estado, fazendo com que públicos plurais possam ter contato com essa coleção.

Aqui não se trata de uma exposição organizada pelo MAC que viajou pronta para Maringá. A mostra, que está em cartaz no Centro de Ação Cultural, foi inteiramente pensada pela curadora Roberta Stubs e organizada pela Secretaria Municipal de Cultura de Maringá e sua equipe, com o acompanhamento e assessoria do Museu de Arte Contemporânea. Acreditamos que os museus são instituições culturais que têm papel fundamental na formação

de público, na formação de novos profissionais da área de artes visuais e, acima de tudo, na formação de cidadania.

Além de envolver profissionais técnicos para a montagem das obras, essa mostra envolveu ativamente toda a população da cidade de Maringá, que esteve presente por meio de estudantes e professores das escolas visitantes, e o público espontâneo que acompanhou as atividades durante o período de visitaçã. Isso demonstra que a educação pela arte é possível quando todos trabalham em sinergia com um objetivo comum: promover acesso à cultura por meio do afeto e do envolvimento com a arte.

Ana Rocha

Diretora do Museu de Arte Contemporânea do Paraná

uma exposição que já está na história

Realizar uma exposição com obras do MAC (Museu de Arte Contemporânea) do Paraná não é só uma honra ou um privilégio: é uma realização necessária, feita pela SEMUC (Secretaria de Cultura de Maringá), em parceria com a UEM (Universidade Estadual de Maringá). Em outras palavras, significa que, no município, as artes visuais têm amplo espaço; que se algo é bem planejado, a realização se torna (quase!) simples. Retomemos a história rapidamente.

Foi na gestão Ulisses Maia (2017- atualmente) que criamos o SMAC (Seminário de Arte Contemporânea). Por meio dele – e a partir dele –, trouxemos importantes nomes da arte para dialogar com quem vive em Maringá e região. Todos e todas ganhamos, a ponto de a cidade falar sobre, já que, em um determinado moml de Maringá. A arte deve ir aonde o povo está, como já se diz há muito.

A exposição “Em tempos de opacidade”, por sua vez, dá

um passo além. A SEMUC, desta vez, criou estratégias de ampla divulgação, acionando agentes locais da imprensa, também mobilizando instituições de repercussão estadual. Se pensarmos nas redes sociais, então, gente do Brasil todo, bem como do mundo, sabe que, trabalhos que estiveram em bienais e ganharam prêmios estão em Maringá. O retorno é claro: mais de mil pessoas já haviam passado pelo Sala Lukas, no CAC (Centro de Ação Cultural), quando escrevi este artigo. Mais do que isso, a curadora, Roberta Stubs, acionou mediadores que, ao longo de toda a exposição, atenderam aos visitantes, promovendo debates, lançando explicações quando necessário. Uma rede articulada na arte. Pela arte.

Destaco, também, que há toda uma mobilização quanto às artes visuais na atual gestão da Prefeitura Maringá. Não à toa, levamos obras de artes para pontos de ônibus e para a parte desses veículos (os chamados Busdoors), sem contar a ampliação do edital “Convite às Artes Visuais”, entre outras iniciativas.

Continuaremos ampliando o campo no que for necessário. “Em tempos de opacidade” já entrou para a história. Não tenho dúvidas de que outras exposições também entrarão.

Sigamos juntos e juntas.

Victor Simião

Secretário Municipal de Cultura de Maringá

em tempos de opacidade

Crises, disputas, avanços e retrocessos. Que tempos são esses que nos desafiam a seguir lutando, apesar do luto? Sem pretensões de totalidade, a proposta desta exposição é criar clarões que revelem campos de tensão nos quais presente, passado e futuro se encontram na encruzilhada do agora. De antemão, assumo a postura de que iluminar o presente já se destina a falhar, pois o que vemos e o que nos atravessa expressam-se muito mais como nuvem de opacidade.

É possível pensar que, em tempos de opacidade, tanto a clareza quanto a transparência são postas em questão. Ao discutir esses termos, Glissant (2021) afirma que há na transparência uma tendência a compreender, muito contaminada por uma vontade de verdade e de dominação que acaba por reduzir a complexidade e a polissemia dos fenômenos e das relações. Por outro lado, o autor defende que o opaco diz de um estado de coisas não redutível, que acaba por ativar uma lógica de participação e

confluência. Desse modo, pela lente da opacidade, a trama da vida não é passível de ser reduzida a narrativas únicas, e o diverso e o múltiplo se tornam motores que instauram mundos singulares, ambíguos e contraditórios. Coexistir e confluir são verbos que operam na opacidade e aproximam instancias também da ordem das diferenças e das dissidências.

É nesse movimento de confluir sem reduzir que esta exposição foi pensada. As obras aqui presentes desenham, portanto, modos possíveis de experienciar a espessura de um presente avesso a simplificações. Seleccionadas a partir do acesso ao acervo do MAC-Paraná, principal museu de arte contemporânea do estado do Paraná, 16 obras de artistas de diferentes gerações e regiões do Brasil coexistem no espaço expositivo em sua singularidade e unicidade. A confluência de materialidades, tempos, temas, processos e linguagens trama múltiplas leituras possíveis sobre o presente e o modo como ele nos atravessa.

Arranjados em três vórtices de forças abertas e intercambiáveis, os trabalhos aqui reunidos forjam um campo de sentido e sensibilidade que funda modos de significar e vibrar. Gosto de pensar que esses trabalhos, quando agrupados, constituem erupções artísticas que questionam os limites de nosso tempo e instauram frestas pelas quais podemos nos mover. Ao fraturar nossas certezas, eles abrem fossos para perguntas que precisam ser feitas: como resistir às forças que tentam nos calar e sufocar? Como manter o corpo vivo e inventar desvios que comportem transbordamentos? Como fabular futuros?

Tempos transversos sintetiza o furor do primeiro vórtice

desta exposição. Transver se torna operação para gerar descompassos na ilusão das aparências; faz ver o avesso de um discurso político que colapsa à medida que transparece o jogo omissivo que o sustém. Armas de brinquedo e a ferrugem que toma o tecido de um lençol feito bandeira redimensionam o potencial corrosivo de um governo/política que, com ferro, fere. É nesse vórtice que um primeiro campo de tensão revela certo anacronismo entre um discurso de aparente inocência e uma realidade política e cultural da ordem do intolerável.

Posicionada de modo quase espelhado, temos uma série de fotografias de Dulce Osinski e uma pintura de Carlos Zílio, esta última realizada em plena ditadura militar. De um lado, um conjunto de 16 fotografias de arminhas de brinquedo traem nosso olhar ao serem redimensionadas. Abandonando seu estatuto de miniatura, essas armas flertam com a realidade e fazem da dúvida motor de reflexão e pensamento. A imagem fotográfica, que representa o real, transcende a superfície plana e alcança o lugar da imaginação. Feito isso, o “Catálogo de brinquedos” de Dulce se despe de uma suposta ingenuidade e se torna operador de um imaginário bélico que, tal qual a artilharia de brinquedo retratada individualmente e posicionada em série, repete-se incansavelmente numa cultura que se sustenta por meio de bruto domínio.

Ao virarmos o corpo para o outro lado, deparamo-nos, então, com a pintura de Carlos Zílio, cuja dimensão nos remete, também, à gravidade de seu tema. A obra “Ferro fere” foi pintada em 1973, período no qual a ditadura militar açoitava o Brasil. O artista,

por sua vez, foi preso político, alvo de censuras e perseguições. Inevitável considerar o contexto dessa obra, que, ao contrário de uma narrativa que tenta ocultar a violência desse momento histórico, revela pra nós uma verdade que precisa ser olhada de frente. O prego que perfura uma forma vermelha e nos lembra um corpo ou um território rasga também a carne de nossa história, que sangra a cada vez que um discurso de suposta inocência ganha vez e voz.

Não consigo deixar de pensar em cenas de nossa recente história política que exaltam a ditadura militar numa disputa de narrativas um tanto perniciosas. A tão repetida imagem de parlamentares segurando crianças no colo para saírem bem na foto divide espaço com esses mesmos homens brancos empunhando armas imaginárias. Na sombra desse gesto inocente está a isenção da culpa e da responsabilidade sobre um país que precisa deixar de negar seu passado para, então, escrever seu futuro sobre bases mais éticas.

No segundo vórtice, adentramos uma zona de tensão e vulnerabilidade. Um **Frágil equilíbrio** parece amparar a linha tênue que sustenta uma ficção política forjada para domesticar curvas. Diferentes pesos e medidas se equilibram numa estabilidade em iminência de queda. Pedra, vidro e ferro escalam uma equação que oxida a transparência da incerteza.

Ocupando o centro desse vórtice, temos o trabalho de Tulio Pinto – uma estrutura arquitetônica formada por duas pedras brutas, ligadas por uma corda, que transpõem uma placa de vidro e uma escada de metal destituída de função. O frágil

equilíbrio desses elementos cria um campo de tensão que coloca as categorias de ordem e funcionalidade em questão. Sólido e transparente, esse trabalho ganha ares de opacidade quando investido pelo risco de queda que ameaça a estabilidade dos diferentes pesos e medidas que o constituem.

Nota-se que a tensão dessa instalação deixa as pessoas que caminham pela sala em estado de alerta. Despertos, esses corpos são, então, tragados pela obra de Marcos Chaves – uma placa de ferro de um metro quadrado coberta por fita de sinalização preta e amarela. Comumente utilizada para demarcar distâncias e estabelecer ordenamentos, nas mãos do artista, o uso dessa fita é outro. Colada na placa de modo espiralar, uma sensação de vertigem predomina, subvertendo a função de proteção e isolamento usualmente atribuída ao material em questão. A tênue estabilidade mobilizada pelo trabalho de Tulio Pinto entra em turbulência ao se confrontar com a força de atração da obra de Marcos Chaves.

Num outro ponto da sala, ainda nesse vórtice, avistamos uma curva domesticada: um cabo de aço, com mais de cinco metros de altura, tensionado em formato de arco, a perfurar uma almofada suspensa na parede. Em “Aparato para domesticar curvas”, Eduardo Freitas surpreende pelo domínio que exerce sobre materialidades rígidas como o aço e a cerâmica. Chama a minha atenção o fato de que esse domínio se dá pela força da flexibilização dos materiais. Da rigidez do aço, o artista extrai a flexibilidade da curva; e na solidez da cerâmica, ele imprime o conforto e a maciez de uma almofada que poderia muito bem ser

da casa de nossas avós.

Tal como a almofada de cerâmica na parede, nossa percepção é também suspensa e, na mesma medida, é traída pelo antagonismo de forças que sustentam o trabalho. Antagônicas também são as narrativas que disputam entre si o estatuto da verdade, forjando entre nós um estado de tensão e vulnerabilidade. Ao deslocar funções e provocar outros ordenamentos, podemos dizer que prevalecem nesse vórtice obras que questionam a certeza do visível, rasuram a superfície das aparências e instauram dúvidas e incertezas no lugar do absoluto.

Como uma **Fala inacabada**, chegamos, então, ao terceiro vórtice, que surge enquanto corpo sensível, exposto e, acima de tudo, vivo. Com os poros em flor, somos tragados pelo turbilhão da experiência do presente. Em comunhão, o avesso da pele fica à mostra, e espasmos de um grito mudo quebram a barreira do silêncio na propulsão de movimentos aberrantes. Com uma toada mais subjetiva, esse vórtice nos aciona a pensar as múltiplas maneiras como a opacidade do presente atravessa nosso corpo-subjetividade.

Ao entrarmos na exposição, avistamos, já de longe, um corpo volumoso e orgânico suspenso na parede. Trata-se de “Fala inacabada”, um imenso emaranhado de fios de algodão e estopa, desenvolvido por Elida Tessler durante sua participação em Faxinal das Artes. O processo de produção da obra é algo que merece ser destacado. A artista nos conta que sua feitura se deu no contexto dessa residência artística; lá, ela gastava os dias a conversar com os demais artistas e interlocutores enquanto

enrolava a estopa e fazia crescer o corpo de seu trabalho.

Um adensamento de afetos faz parte da gênese dessa obra, que corporifica encontros e intensifica conversações. Inacabado, aqui, é termo que mobiliza a continuidade das trocas. Diz-se de um movimento de aliança com o outro que supera rivalidades numa lógica de “dar-se com”. É justamente na direção da aliança que Glissand (2021) aponta quando diz que, em tempos opacos, o gesto de “dar com” é capaz de criar aberturas numa totalidade, por vezes, nebulosa.

Nessa perspectiva, comunhão é uma força que salta do trabalho de Tessler para a obra de Rodrigo Braga, que evoca, por sua vez, uma relação entre o humano e outros animais sencientes. A comunhão proposta por ele se dá de modo incômodo e ambivalente, pois temos à nossa frente uma série de três fotografias nas quais o artista posa com um bode já sem vida. De corpo nu e assumindo uma posição de cuidado e afeto, em uma das fotos, Rodrigo deita sobre o corpo do animal e o abraça; nas outras imagens, ambos os corpos estão soterrados por terra ou cobertos por folhas. A harmonia da união desses seres que parecem se ligar por conexões afetivas se rompe quando lembramos que há, nessas imagens, uma hierarquia de corpos que define quais vidas tendem a importar mais. A soberania do “homem” sobre a natureza se revela de modo violento e mobiliza um incômodo quase insuportável.

Aferimos, então, que a comunhão proposta pelo título da obra é reforçada pela posição respeitosa que o artista assume com o animal, podendo dizer de uma evocação futura, posto que, no

presente, o peso das hierarquias ainda insiste em ceifar a vida. É no circuito dos afetos e das intensidades que esse último vórtice se lança, ao mobilizar uma política do sensível e do cuidado. Alimentar vínculos e investir na comunhão são questões que orbitam, também, as obras dos demais artistas desse campo vibrátil. Aqui, cito a pintura “Perfil de uma mulher triste”, de Vânia Mignoni, e a aquarela “Prefiro estar com você”, de Antônio Dias.

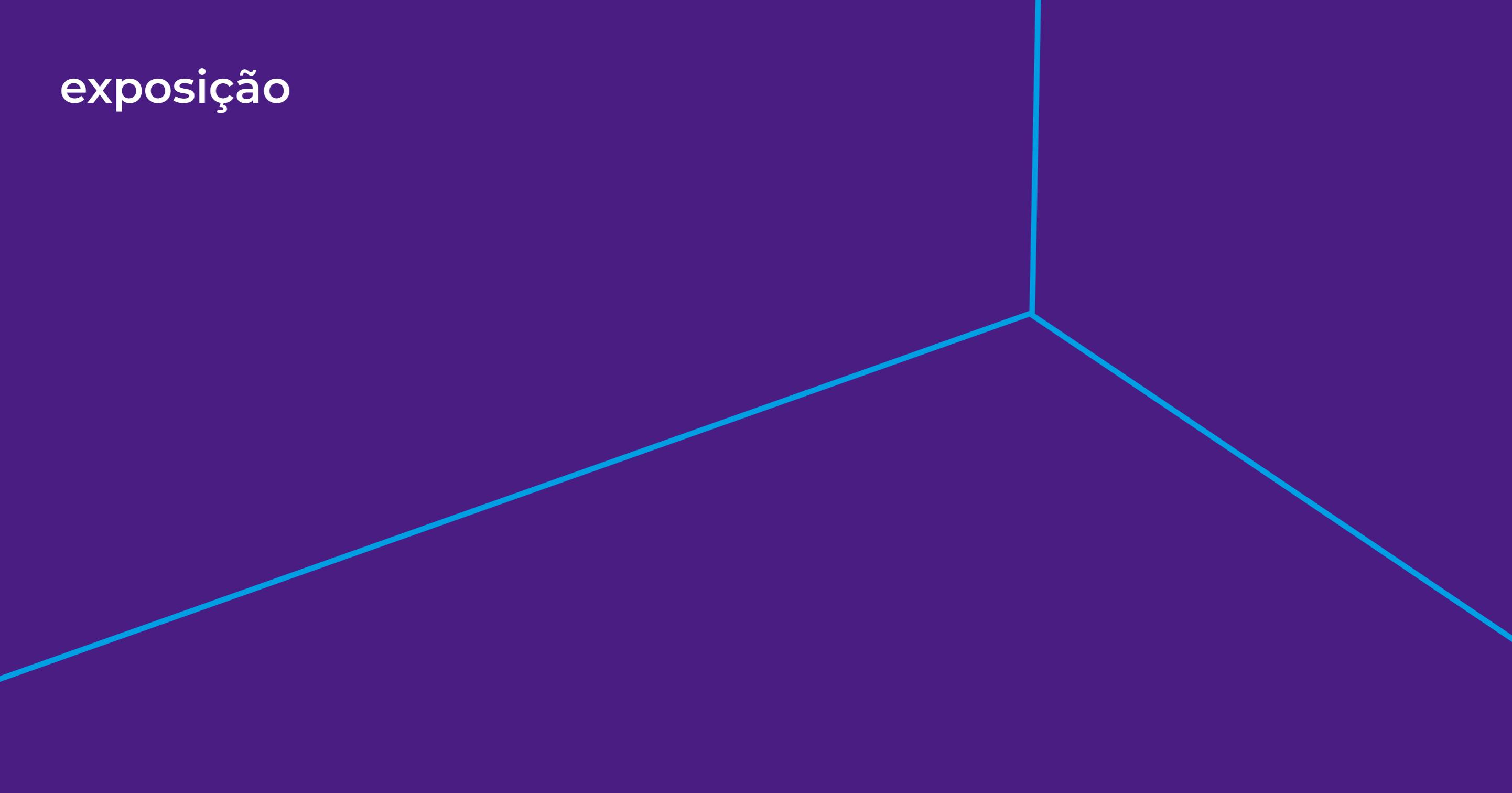
Ronaldo Brito (1981) afirma que a arte contemporânea constrói ilusões de verdade e destrói as ilusões da verdade. Em outros termos, ela abala as verdades absolutas, contesta a certeza do visível e investe na fabulação de outros modos de sentir, pensar e imaginar a vida. Nesse sentido, se em “Em tempos de opacidade” a perspectiva de imaginar horizontes nos é subtraída, as confluências e as fricções entre os trabalhos aqui reunidos se mostram como força motriz de complexidades e cintilâncias para tatear um presente que não é dado à simplificação. Ativando um corpo vivo e vibrante, esta exposição nos convida a duvidar da ordem das aparências, a fim de criar perspectivas e fabular futuros.

Roberta Stubs
Curadora

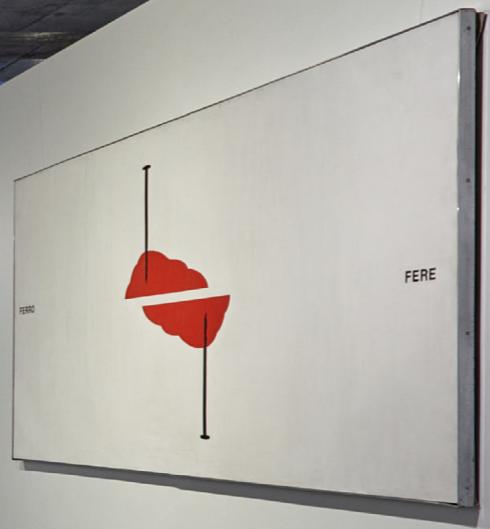
BRITO, Ronaldo. O novo e o outro novo. Arte brasileira contemporânea. Rio de Janeiro, Funarte, p. 5-15, 1981.

GLISSANT, É. Poética da relação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

exposição













Small white informational card on the wall.



Small white informational card on the wall.



Small white informational card on the wall.



Small white informational card on the wall.



Small white informational card on the wall.



vórtices

de forças abertas e intercambiáveis

tempos transversos

Tempos transversos sintetiza o furor do primeiro vórtice dessa exposição. Transver se torna operação para gerar descompassos na ilusão das aparências. Faz ver o avesso de um discurso político que colapsa na medida em que transparece o jogo omissivo que o sustêm. Armas de brinquedo e a ferrugem que toma o tecido de um lençol feito bandeira redimensionam o potencial corrosivo de um governo/política que com ferro fere.



Carlos Zílio
Cleverson Salvaro
Dulce Osinski
Eliane Prolik
Guita Soifer



Guita Soifer

Curitiba, Paraná, 1935

Tempos transversos II, 2008

Têxtil, oxidação

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“O tempo sempre foi a matéria de Guita Soifer. O tempo da vida que também é o tempo da morte; o tempo que subjuga indistintamente todos os seres e as coisas, mas que também se encarna no modo como os seres e coisas se subjugam mutuamente. (...) O que essas obras insistem em nos alertar é que o tempo não existe per se. Existe nas coisas. E como são infinitas as coisas, infinitas são as modalidades de tempo que as habitam. O denominador comum a todos eles é que aquilo que eles destravam em cada matéria e objeto é um impulso que os levará ao confronto e modificação, a alteração de sua feição e essências originais rumo à transformação.”

Agnaldo Farias. Tempos Transversos. Disponível em: <https://guitasoifer.com.br/textos-criticos/tempos-transversos/>. Acesso em: 26 de outubro de 2021.



Eliane Prolik

Curitiba, Paraná, 1960

Cruzadas, 2004

Tesouras em aço inox

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“É uma série de várias obras iniciada em 2003, formada por um conjunto de tesouras de vários formatos, funções e tamanhos. As tesouras foram unidas, encaixadas e entrelaçadas, e desse modo estão em interdependência umas das outras. O título de CRUZADAS reafirma a configuração do que é essencial ao próprio objeto: são duas partes cruzadas com um parafuso ou eixo que as une, é o que promove a ação de tesourar. CRUZADAS se apropria do objeto tesoura e de sua capacidade de articulação por se tratar de uma ferramenta ligada à manualidade (mão e aos dedos) e, principalmente, a uma percepção tátil do mundo com possibilidade de transformar as coisas física e concretamente. Cada CRUZADA é formada por várias tesouras em um cordão, sendo um coletivo desses objetos. Primeiramente elas são unidas por seus aros ou dedais no cordão e na montagem o gesto ou ação escultórica cria o entrelaçamento e lhe dá volume tridimensional, Então a forma primeira do objeto parece ter se transformado e alterado pelo acúmulo do coletivo. A obra é fruto da experiência em articulá-las, porque sem o gesto escultórico não existe a obra. Ela não possui uma configuração única, final e fixa, sua forma é provisória a cada montagem. CRUZADAS está relacionada às pequenas cruzadas ou aos atos cotidianos, ao desdobramento de habilidades manuais muitas vezes associadas ao feminino e ao estado de ser contemporâneo do um junto a todos” **Eliane Prolik, 2021.**



Dulce Osinski

Irati, Paraná, 1962

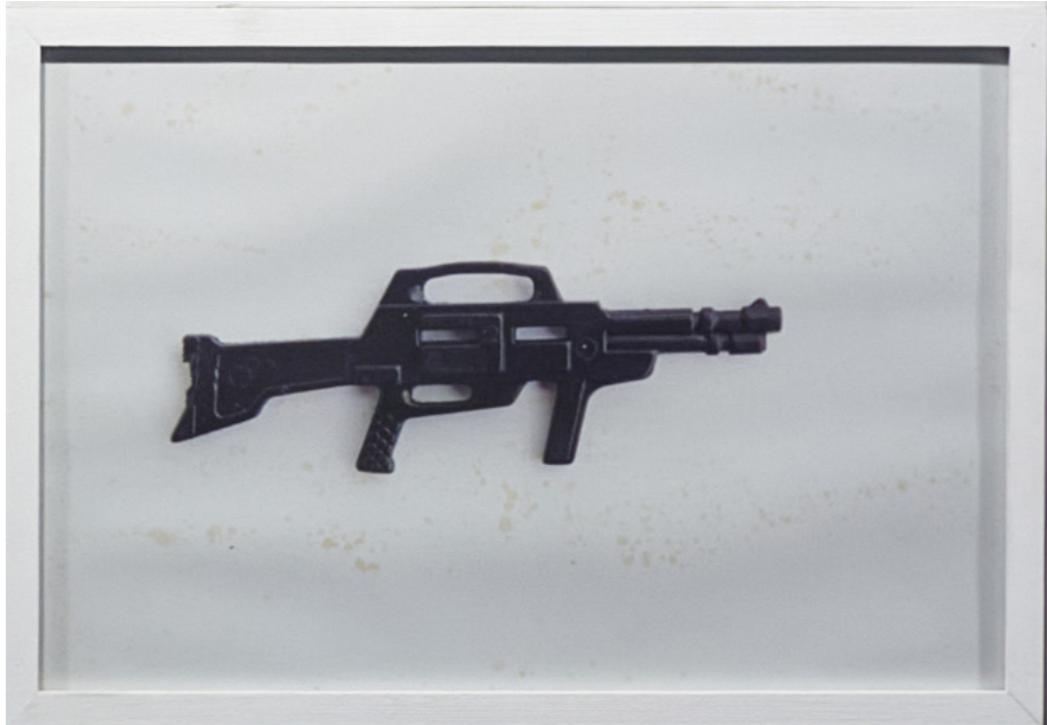
Catálogo - Brinquedos, 2002

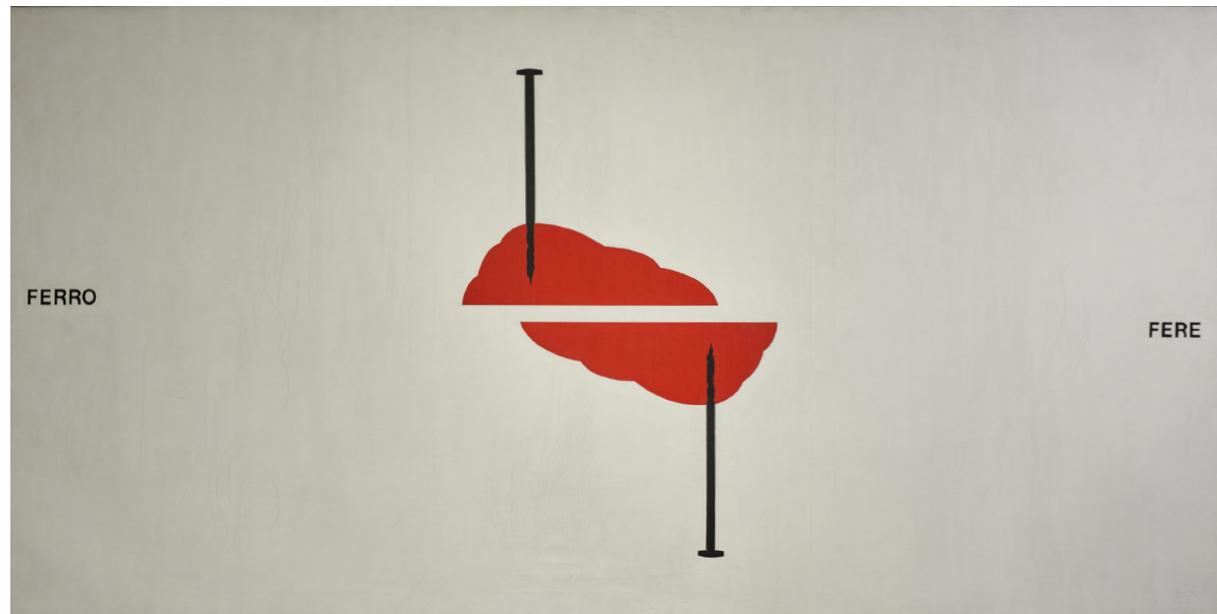
Instalação com fotografia

Projeto Faxinal das Artes

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Como mãe de dois meninos pequenos, lá pelo início dos anos 2000 deparei-me, em minha própria casa, com objetos minúsculos, acessórios de bonecos-heróis com os quais eles brincavam. Eram batmans, super-homens, homens-aranha, ninjas e tantos outros, mas junto com eles sempre vinham armas de todos os tipos: pequenos revólveres, pistolas, metralhadoras, machados, clavas. Realistas, inventadas, siderais ou cibernéticas. No mundo adulto, armas são objetos carregados de duplo sentido, vetores de violência e morte, mesmo assim cultuados, colecionados, desejados, sob o pretexto de proporcionarem proteção. Tratando-se de brinquedos, tais objetos adquirem ainda outra camada de significado, tendo em vista que muitas vezes são assim tratadas as armas verdadeiras por muitos adultos. Por outro lado, o fascínio com tais objetos de destruição é transposto para o mundo infantil, e malgrado toda vigilância por parte de pais zelosos, eles triunfam e se infiltram nos lares, sendo construídos pelas próprias crianças com brinquedos de montar ou aparecendo na forma de peças acompanhantes de outros brinquedos. Passei a recolher essas pequenas armas e colecioná-las, e num primeiro momento as fotografei sobre fundo branco ou preto. O efeito foi impressionante, pois ampliadas, pareciam verdadeiras, embora causassem certo estranhamento por certos detalhes de acabamento” **Dulce Osinski, 2021.**





Carlos Zílio

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1944

Ferro-Ferre, 1973

Acrílica sobre tela

Prêmio 30ª Salão Paranaense

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Este trabalho foi realizado em um momento político do Brasil marcado pela opressão e o obscurantismo capitaneada pela ditadura militar após o golpe de 1964. Trata de uma situação de violência e tensão. Refere-se indiretamente, ainda, à máquina da repressão e da tortura utilizada como instrumento do estado na sua luta aos que lhe faziam oposição. ‘Quem com ferro fere, com ferro será ferido’, diz o ditado, mas não foi o que ocorreu no Brasil onde os torturadores escaparam de um devido processo criminal” **Carlos Zílio, 2021.**

13



14



15



Cleverson Salvaro

Curitiba, Paraná, 1980

... e então eles se esconderam, 2001

Bonecos de Plástico

Prêmio 58º Salão Paranaense

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

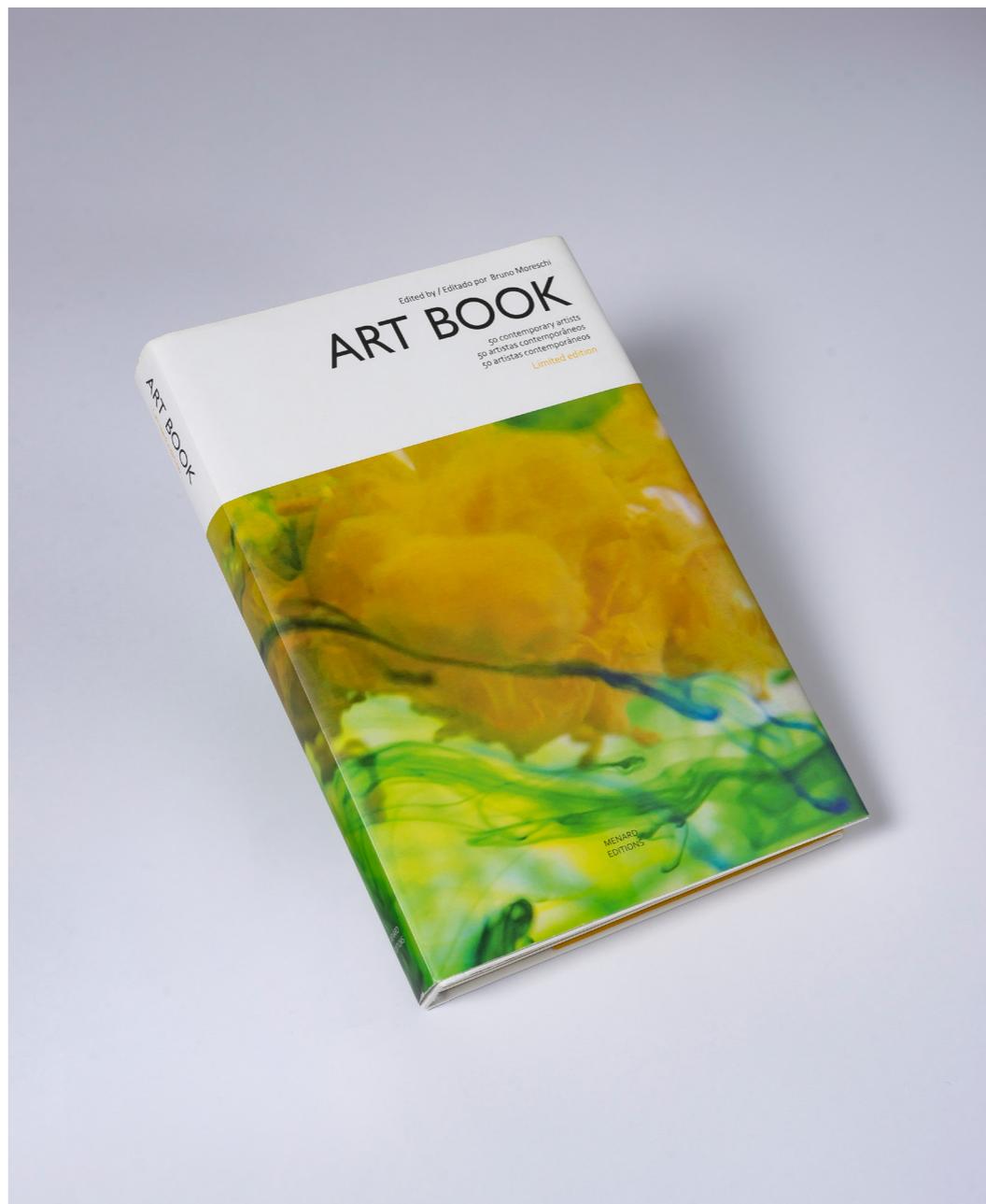
"A pesquisa de Cleverson Salvaro reúne elementos do entorno urbano, matérias e resíduos, encontrados ao acaso, evidenciando mudanças e transformações cotidianas. O artista também costuma fazer intervenções na arquitetura, ressignificando espaços existentes (...). Sua poética se conforma a partir de sua reação à estímulos externos provocados por espaços, nos quais desenvolve trabalhos site specific, ou objetos, que se apropria e ressignifica, sempre considerando seus diferentes contextos para tratar de assuntos como a impermanência, a decadência e o resíduo, todos parte de um vocabulário da ruína urbana".

Cleverson Luiz Salvaro. Galeria Ybakatu. Disponível em: <https://ybakatu.com/c-l-salvaro/>. Acesso em: 19 de Novembro de 2021.

frágil equilíbrio

No segundo vórtice, adentramos numa zona de tensão e vulnerabilidade. Um frágil equilíbrio parece amparar a linha tênue que sustenta uma ficção política forjada para domesticar curvas. Diferentes pesos e medidas se equilibram numa estabilidade em iminência de queda. Pedra, vidro e ferro escalam uma equação que oxida a transparência da incerteza.

Bruno Moreschi
Eduardo Freitas
Marcos Chaves
Túlio Pinto



Bruno Moreschi

Maringá, Paraná, 1982

Art Book, 2012-2014

Livro, impresso sobre papel

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Este livro apresenta biografias, imagens de 311 obras e declarações de 50 artistas – todos criados por mim a partir de clichês encontrados em dez enciclopédias de arte. Mesmo que essas obras não existam de fato no sistema da arte (ou existem?), elas nos ajudam a identificar os estereótipos mercadologicamente exemplares do que seria o artista contemporâneo. Assim, ‘Art Book’ destaca que o sistema da arte vem acompanhado de um manual de instruções, e que decodificá-lo é como aprender um novo idioma. O projeto fez parte de meu mestrado realizado no Instituto de Artes da Unicamp (2012-2014), sob a orientação da professora Lygia Arcuri Eluf, com financiamento da Fapesp e de dois prêmios da Funarte. A obra é também o registro de um artista ainda em início de carreira (foi meu primeiro trabalho de arte), incluindo as contradições e as ironias presentes em um sistema que o livro zomba, mas almeja fazer parte. A partir de uma conversa com a curadoria, decidimos que aqui ele não pode ser manuseado pelo público – há apenas 200 exemplares do livro espalhados em coleções e bibliotecas de museus, incluindo este no MAC Paraná. O livro se encontra aberto em algumas de suas páginas e, assim, permanece por dias. Isso até que um dos mediadores da mostra escolher outra dupla do livro para ficar exposta ao público por mais algum tempo. Esse jogo cria uma espécie de leitura a conta-gotas promovida pelo próprio sistema que a obra tanto discute” **Bruno Moreschi, 2021.**





Marcos Chaves

Rio de Janeiro, 1961

Sem título, 2002

Série Logradouro

Fita adesiva sobre alumínio

Projeto Faxinal das Artes

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Apropriando-se de objetos banais, dos códigos e do consumo das grandes massas, e ainda da arquitetura e da cena urbana, o artista parte do déjà-vu, das coisas e dos sinais já assimilados pela convenção e pelo hábito, para neles injetar significações outras, surpreendentes e inesperadas. (...) Essa é a operação da obra ‘Logradouro’. Chaves empresta função ‘artística’ e dá volumetria e monumentalidade a uma matéria ordinária e planar, como as faixas pretas e amarelas usadas na sinalização urbana. E ainda, ao senso de orientação e ordenamento que essas faixas possuem no complexo viário, o artista contrapõe o sentido da desorientação e da turbulência visual, indeterminando os limites originais do espaço e retirando do espectador qualquer ponto de horizonte e equilíbrio. Sem referência espacial, lançado ao centro de uma rede de linhas que se emaranham e avançam até o ápice de redemoinhos que constituem sua terra e seu céu, o espectador encontra no desequilíbrio e na vertigem o estranhamento de seu próprio ‘lugar’ no mundo, agora despido das regras e dos sinais que convencionam o nosso mover.”

Ligia Canongia. “Logradouros”, 2005. Disponível em: <https://www.marcoschaves.net/texts>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.



Eduardo Freitas

Ponta Grossa, Paraná, 2016

Aparato para domesticar curvas, 2016

Cerâmica marfim pintada com ferrugem e barra de ferro oxidada

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Em ‘Aparato para domesticar curvas’ as possibilidades de transfiguração do material se concretizam de maneira inquietante. Uma almofada volumosa serve de suporte para o grosseiro vergalhão de ferro, tensionado numa linha curva e delicada. A escultura em forma de almofada apresenta todas as características da maciez e da textura do tecido, mas a sua aparência contradiz o material, pois foi construída em cerâmica com grande resistência. A almofada que serviu de modelo para a construção deste trabalho pertencia à casa do artista, enquanto o vergalhão era do seu ateliê, aproximando o ambiente doméstico ao espaço de trabalho, que assim convivem num harmonioso atrito. Neste jogo de equilíbrio, os materiais contradizem a percepção imediata do espectador e colocam um desafio para o pragmatismo do seu olhar”
Eduardo Freitas, 2021.





Túlio Pinto

Brasília, Distrito Federal, 1974

Nadir # 8, 2014

Escultura

Prêmio 65º Salão Paranaense

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Uma escada de metal vazada, uma superfície de vidro plana e um contrapeso de duas pedras brutas ligadas por uma corda. Três objetos em perfeito equilíbrio parecem explorar um ponto de tensão máxima que permite a sua sustentação como um todo orgânico, completamente disfuncional do ponto de vista prático, mas que compõe um todo ordenado. Tudo parece girar em torno da escada, como forma improvável de sua sustentação e que ao mesmo tempo impede a sua utilização. Trata-se de uma proposição arquitetônica que desafia os princípios da engenharia ao propor uma ordem disfuncional, porém necessária. Sem qualquer um dos elementos postos, o todo ruiria sem a ordem proposta tudo se resumiria a escombros, fazendo da ordem estabelecida uma relação necessária para que o equilíbrio e a sustentação aconteçam. Há um contraste entre a fragilidade do vidro e a dureza do metal e da pedra que causam uma sensação de que estamos diante de algo paralisado no tempo um segundo antes de ruir. No entanto, a ordem persevera, constituindo um objeto de contemplação que nos faz questionar nossas categorias de ordem, de equilíbrio e de funcionalidade.”

Alexandre Gnipper Trevisan. Diálogo Divergente - conversa sobre a exposição do artista Túlio Pinto no Museu de Arte de Sorocaba. Plataforma, Deus Ateu, 2021.

os
cidade

Tempo é diferente em diferentes lugares e em diferentes épocas. Tempos são feitos e refeitos. Que tempos são esses aqui lutando, apesar do luto? São tempos de futuro, apesar do presente, e a proposta desta exposição é criar um campo de tempo nos quais presente, futuro e passado se encontram na encruzilhada do agora. De maneira de que iluminar o presente já seja o que vemos e o que nos atravessa e não como muros de opacidade.

do acesso ao arvore do Mac, em arte contemporânea do estado do Paraná, de diferentes gerações e regiões do Brasil salvares de atravessar a espessura do tempo 3 vértices de forças abertas e trabalhos aqui reunidos forjam um campo de tempo que funda modos de significar e sentidos artísticos que questionam os modos e instauram frestas pelas quais fraturam nossas certezas e abrem fissuras que precisam ser feitas. Como resistir da a calar e sufocar? Como manter o corpo em que comportem transbordamentos?



Sala de Exposição Lutas
Sala de Exposição
Sala de Exposição
Sala de Exposição



fala inacabada

Como uma fala inacabada, o terceiro vórtice insurge enquanto corpo sensível, exposto e, acima de tudo, vivo. Com os poros em flor somos tragados pelo turbilhão da experiência do presente. Em comunhão, o avesso da pele fica à mostra e espasmos de um grito mudo quebra a barreira do silêncio na propulsão de movimentos aberrantes.

Amilcar de Castro
Antonio Dias
Elida Tessler
Ivens Fontoura
Marcello Nitsche
Rodrigo Braga
Vânia Mignone



Amilcar de Castro

Paraisópolis, Minas Gerais, 1920 - Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002

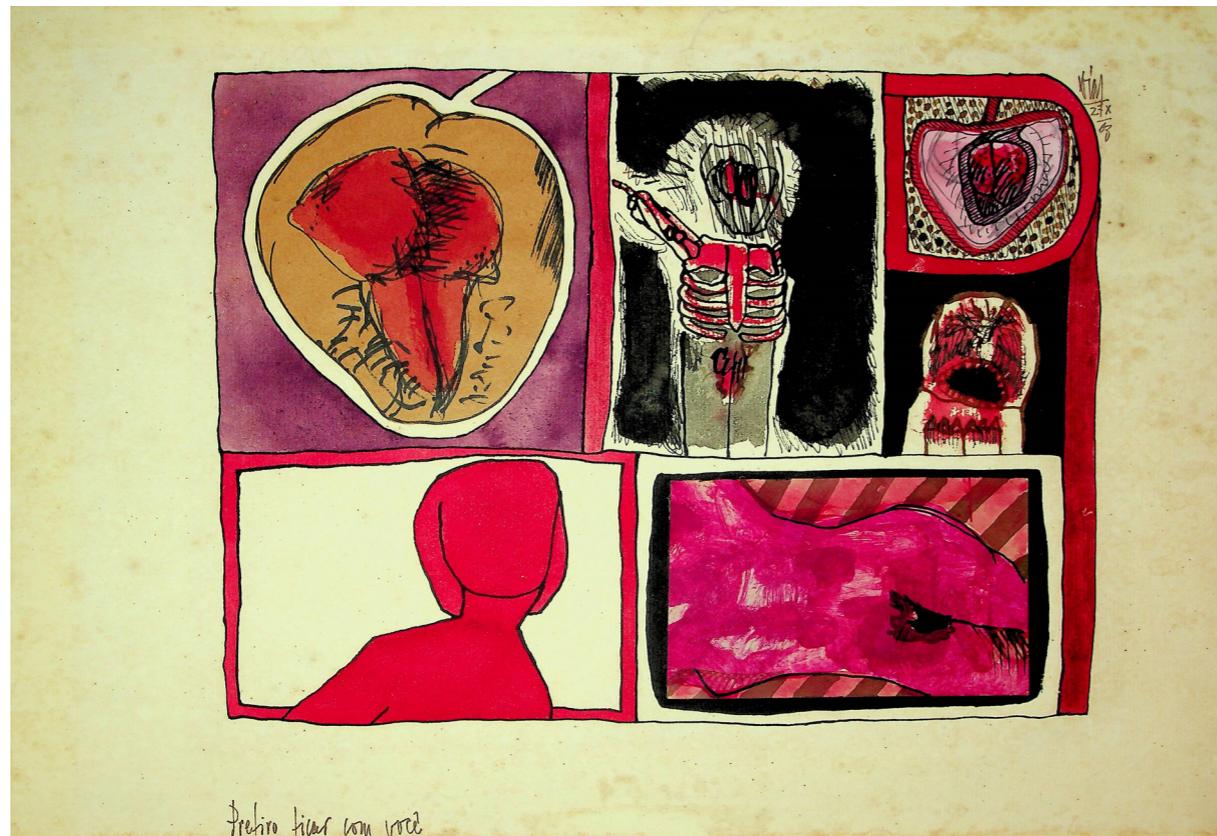
Sem título, 1997

Litografia sobre papel 16/16

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Meu trabalho com a litografia é exatamente o mesmo do desenho. Não tem mistério nenhum, é só fazer. (...) Diagramação também é desenho, o pensamento é o mesmo. Só que na diagramação tenho que prestar atenção no leitor e ele tem de gostar do que está vendo, tem de ler com facilidade. (...) Cada momento é um momento, não sei se é o momento de criação, não estou com preocupação em criar ou não criar. Para mim o momento é de fazer e eu não estou com intenção nenhuma de fazer bonito ou fazer feio. Eu gosto do que eu estou fazendo e é só isso, o resto é consequência. Eu não tenho plano, sou improvisador do momento. Não tenho nada premeditado, o que acontecer, aconteceu”.

Amilcar de Castro. In: Amilcar de Castro: depoimento / Coordenadores: Fernando Pedro da Silva, Marília Andrés Ribeiro; Entrevista: Janaina Melo e Marília Andrés Ribeiro. Belo Horizonte: C/Arte, 1999. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.



Antonio Dias

Campina Grande, Paraíba, 1944 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

Prefiro ficar com você, 1963

Aquarela sobre papel

Prêmio 20º Salão Paranaense

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Num treino primitivo, Antonio promove um entrelace plástico entre colagem e desenho, que extrapola os limites do desenho linear representacional, numa absorção do plano dos mosaicos bizantinos e de um primitivismo singular e natural, na possibilidade de a divisão do espaço planar em planos simétricos e informais. A perspectiva frontal conquistada no todo através dos fragmentos cênicos promovidos pelas figuras em situação frontal e apresentada nas cinco cenas destinadas a compor a significação, conta também com o procedimento do verbo e do processo material empregado. Os recursos da história em quadrinhos e das situações cômicas são buscados pelo artista como acréscimo necessário à sua narrativa na configuração da idéia. Herança conquistada na infância, quando experimentou a atividade do desenho na elaboração de histórias em quadrinhos e rótulos de garrafa”.

Maria Cristina Gomes Negrão. Os anos 60: Antonio Dias, uma poética entre o bem e o mal. A história de uma passagem na arte brasileira. Dissertação de mestrado em História da Arte. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, 1998. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6177>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.



Elida Tessler

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1961

Frotagem (fala inacabada), 2002

Estopa, fios de algodão enrolados sobre extensor
Projeto Faxinal das Artes

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

"O trabalho 'Frotagem (fala inacabada)' foi realizado no contexto da residência artística Faxinal das Artes, com curadoria de Agnaldo Farias em 2002. O processo de construção da obra contou com a escolha de materiais muito simples e cotidianos: estopa de algodão e linha para pipa. Para que houvesse a possibilidade de deslocamento constante, escolhi um estirador elástico com ganchos para constituir uma estrutura portátil. Com o material em mãos, a cada dia eu definia um lugar diferente para instalar o suporte onde eu passaria a enrolar punhados de estopa, amarrando-os com o fio de linha forte. Este trabalho é, então, a soma dos dias e a materialização das conversas estabelecidas entre os participantes da residência artística no decorrer do tempo de permanência no evento. Seu peso, sua textura, sua forma e sua tonalidade crua correspondem à busca de adensamento dos encontros, à absorção dos acasos e ao desejo de corporificar uma experiência intensa de contato. O título 'Frotagem (fala inacabada)' é uma dedicatória ao amigo Eduardo Frota, artista também presente no Faxinal das Artes, com quem mantenho um estado de conversa permanente e expansiva. Desde 1993, desenvolvo um projeto mais amplo intitulado 'Falas inacabadas', no qual o trabalho que agora integra o acervo do MAC Paraná está inserido" **Elida Tessler, 2021.**



Ivens Fontoura

Curitiba, Paraná, 1940 - 2020

Sedimentum, 1975

Papel e tinta sobre chapa de madeira

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“Para a 2ª Bienal Nacional de Artes Plásticas, em 1972, Ivens Fontoura enviou um trabalho que leva o mesmo título deste, “Sedimentum”. Há nesta obra conceitual-ambiental de Ivens não um sentido de denúncia, mas de dominância construtiva. Os aspectos essenciais de uma iconografia tecnológica estão tão presentes como o fenômeno social brasileiro — daí o emprego de sobras de papel e material deliberadamente mais barato. Mais próximo de nosso status econômico. Os objetos cúbicos provocam uma codificação mágica que era uma poesia da progressão geométrica verdadeiramente contemporânea. (...) ‘É uma continuidade de um trabalho que venho fazendo há tempos. Continuo trabalhando com tiras de papel, (...), recursos conseguidos através de depósitos. Ao submeter-se à técnica do corte, através de uma guilhotina teremos as aparas - isto é - a sobra de um trabalho gráfico’”

Adalice Araújo. “Artistas da nova geração”. DP Domingo. Curitiba, 1972. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.



Marcelo Nitsche

São Paulo, São Paulo, 1942 - 2017

Costura da nuvem, 1973

Acrílica, linha e tecido colado sobre tela

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

"Fascinado pelo mar, mas num nível de sofisticação formal onde mar e terra são literalmente costurados com linha preta, Marcello Nitsche reinterpreta a natureza e seus dados imediatos com elementos de choque e surpresa que forçam o espectador a repensar não só a pintura, pelo que ela propõe, mas a própria natureza, com harmonia de opostos, artificialmente 'costuramos' como trapos cada qual com sua textura e sua realidade cromática própria, alinhavados para que os vejamos com olhos novos."

José Neistein. Washington, 1975. Texto que integra o catálogo da exposição Marcelo Nitsche - desenhos e pinturas. Galeria Arte Global Al Santos 1893. São Paulo, 1976. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

30



31



32



Rodrigo Braga

Manaus, Amazonas, 1976

Comunhão, I, II, III, 2006

Fotografia

Prêmio 62º Salão Paranaense

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“O bode é um animal bastante simbólico para diversas culturas ao redor do mundo e ao longo da história; da mitologia grega à religiosidade africana, passando também valor central na cultura do homem do campo no nordeste do Brasil — a convivência dos seres capazes de habitarem a região apesar das adversidades naturais. E foi justamente na zona da mata pernambucana que tive acesso a um bode robusto, mas que acabara de ser sacrificado num abatedouro local. A comunhão proposta pelo título assume um tom mais complexo quando se sabe que o corpo a corpo é travado entre um animal vivo e um outro inanimado. O respeito e o carinho fusional de contornos quase espirituais denotados à primeira vista podem, na verdade, dar lugar a leituras ambíguas que trazem para as cenas deste tríptico certa ironia. Para além do ar lírico há também algo que nos incomoda. Quem sabe uma hierarquia sutil (imposta do vivo para o morto?) ou talvez seja a lembrança de certa violência intrínseca às relações humanas com o seu meio e os outros seres vivos, quando a morte e o consumo de outros corpos são características e uma das marcas do nosso tempo.”

Rodrigo Braga, 2021.



Vânia Mignone

Campinas, São Paulo, 1967

Perfil triste, 1998

Acrílica sobre chapa de madeira

Prêmio 55º Salão Paranaense

Coleção Museu de Arte Contemporânea do Paraná

“É um trabalho do começo de minha carreira onde eu me expesso com monocromia. A figura da mulher é solitária, envolvida numa tristeza comum na nossa sociedade contemporânea. Está presente a relação de figura e texto, um reforçando a emoção do outro e construindo uma imagem que aproxima a pintura de outros meios de comunicação atuais, como outdoors e revistas de quadrinhos. Ou seja, a pintura, uma forma artística tão antiga, absorve signos da cultura contemporânea, renova-se e continua pertinente para o público dos nossos dias” **Vânia Mignone, 2021.**

vórtices vivos: um educativo para além do tempo de opacidade

Quando a curadora Roberta Stubs selecionou 16 obras do acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC - PR) e formou a exposição "Em Tempos de Opacidade", não só deslocou um complexo grupo de obras e artistas para a cidade de Maringá (interior do Paraná) como também movimentou um pensamento educativo para ativar os três vórtices constituintes da exposição.

Os vórtices funcionam como movimentos intensos de informações visuais, afetivas, de estratégias que se dispõem a construir narrativas para o pensamento anestesiado. "Em Tempos de Opacidade" reflete nosso cotidiano em que, muitas vezes, o medo, a violência, o desequilíbrio ou o frágil equilíbrio, a relação corpo e natureza, as conversas incompletas e os diálogos silenciados se tornam comuns e nos levam ao esgotamento social. Diferentemente do título, as obras e os artistas presentes nos tiram desse tempo de opacidade ao instituírem um pensamento vibrátil e ágil diante das visualidades.

O Educativo, por meio desta exposição, foi pensado como um ativador do pensamento crítico e inspirado nos três vórtices – tempo transversos, frágil equilíbrio e falainacabada –, instituindo programas e projetos imersos na elaboração criativa e crítica das obras e do tempo em que estamos vivendo. Incrivelmente, mais de mil pessoas passaram pela exposição e experienciaram o Educativo por meio da mediação, da formação de professores e das oficinas criativas, a partir das obras expostas.

O acesso das pessoas interessadas na exposição foi pensando de diversos modos, sendo um deles o de provocar que outros públicos, para além do interessado em arte, pudessem vivenciar a experiência de construir a criticidade a partir da exposição, acessando, desse modo, a obra de arte como um elemento formador e educativo na constituição subjetiva humana. Sendo assim, em coletividade, propomos frentes de trabalhos para receber e orientar novos visitantes e consumidores/apreciadores de arte.

Alunos e alunas da Rede Estadual de Ensino foram movidos a acessar o espaço expositivo para realizarem pesquisas e construir textos críticos frente à exposição. Numa dessas escritas, uma aluna do 2º ano do Ensino Médio diz: *“A exposição demonstra politicamente um discurso que atravessa o sentido democrático, distorce a verdade e a manipula, seja em pequenas coisas a que não nos atentamos ou sobre a ignorância, que nos faz acreditar em uma solução através da violência e da tortura. Até onde vão os limites humanos? É realmente o caminho? Essas são algumas das reflexões que faço”*. Em outra carta, um

aluno insiste: *“O que vemos não é realmente o que vemos, pois o material vai além da perspectiva tocável que conhecemos como normal e cotidiano; busca enganar nosso olhar, pesos e medidas se estabilizam ou não. Parece que estou em queda, numa busca de incertezas e de sentidos contrapostos do futuro”*.

Tais considerações escritas pelos alunos só foram construídas e sustentadas porque cada grupo teve uma extensa mediação entre os vórtices. Alguns grupos permaneciam mais de três horas na exposição, conversando e dialogando sobre as possibilidades discursivas de cada obra.

Outra ação foi a visita de alunas da Educação Básica com acompanhamento de professores da instituição; estes receberam material educativo on-line e mediação com interações entre observador e obra.

Crianças e adolescentes ocuparam o chão do espaço expositivo e ali mesmo construíram, frente às obras de arte, o pensamento crítico diante das opacidades que aniquilam nossa energia e adestram nossos posicionamentos. O Educativo de uma exposição tem esta função social: a de encarar o mundo com o arsenal criativo e, por meio das ações poéticas e pedagógicas, trazer para o espaço expositivo todas as pessoas que, às vezes, nunca tiveram oportunidade de pensar por meio da arte.

Em Maringá, nós temos esta realidade: pessoas que nunca acessaram uma exposição de arte contemporânea. Porém, com a parceria de Roberta Stubs com o MAC-PR, a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Prefeitura Municipal de Maringá, propôs-se a descentralização do museu para o interior. Desse

modo, aqueles que, talvez, nunca poderiam visitar a capital do estado e acessar tais obras conseguiram, mesmo que diante de tantas dificuldades, produzir e se constituir pensantes e leitores diante das visualidades. À sombra de um momento de opacidade, a exposição desestabilizou tal sentimento em nossos corpos, chacoalhou nossos pensamentos e instituiu o desejo de que queremos mais investimento em cultura de qualidade, algo urgente aos nossos povos do interior do estado.

Alunos do curso de Artes Visuais da UEM e futuros professores de arte também tiveram um curso de formação em Arte Contemporânea por meio da exposição “Em Tempos de Opacidade”. Eles receberam material didático on-line sobre a mostra e, para além, fizeram oficinas práticas de fotografia, fotoperformance e assemblagem, por meio de três obras de arte selecionadas pelo Educativo. A formação contou com uma visita mediada pela própria curadora da exposição e com o acompanhamento de outras mediadoras.

As ações foram necessárias porque tais professores ofertaram cursos extensivos de práticas visuais para diversos grupos na cidade, dentre eles: imigrantes do Haiti e da Venezuela; idosos; adolescentes; graduandos e graduandas; enfim, um público diverso que se reuniu na exposição e, a partir dela, iniciou práticas que traduzissem o pensamento crítico emergente das obras expostas.

O Educativo ativou a exposição e movimentou ações que incentivassem a ocupação do espaço em sua totalidade. Nossos corpos ocuparam o chão; nossa mente se alinhou aos

debates propostos pelas obras; e nossas mãos se articularam com o experimentar poeticamente as linguagens ofertadas durante os meses em que “Em Tempos de Opacidade” ocupou o térreo do Centro de Ação Cultural de Maringá (CAC), prédio que recebeu a exposição. Uma rede de arte, docência e pesquisa ganhou corpo e dobrou-se, e aquilo que estava em opacidade, simplesmente, ascendeu a novos percursos que podem, diante dos acontecimentos, mudar de direção.

Maddox – Cleberson Diego Gonçalves

Coordenador de Ações Formativas



“Experiência barulhenta e estranha. Barulhenta pelo trânsito de carros e de pessoas, afeta/altera os sentidos. Barulhenta pois a grande maioria do público que recebemos nunca estiveram dentro de um espaço expositivo. Estranha pelo manifesto de estranhamento de ver por três dias seguidos uma obra pela primeira vez. E perceber isso estranhamente como um vulcão e seu legado, não num sentido heroico, mas mais como uma tentativa de irrupção fora da violência ou o que Castiel Vitorino propõe com as criações de espaços percíveis de liberdade”

- Jaqueline Nascimento

“Essa exposição me ofereceu a oportunidade de experimentar a mediação pela primeira vez, e, desde então, firmei um compromisso com a arte e com a educação. Passaram mais de mil pessoas pelo CAC, de crianças à idosos(as), e cada pessoa contribuiu ao seu modo para oferecer camadas interpretativas às obras. Foi marcante a experiência de mediar para adolescentes e crianças que se demoravam em questionamentos e interesse por mais de 90 minutos. Convidar pessoas que passavam apenas para usar o banheiro e ouvir suas contribuições sobre as obras foi uma honra. Fico muito grata por fazer parte de uma exposição tão importante para

a cidade de Maringá, e certamente ela se encerra formando público para próximas exposições. Ainda que em tempos de opacidade, há esperança”

- Kelly Salgado

“Fazer mediação artística sublinhou para mim o fato de que ensinar e aprender não são processos separados. Cada nova conversa ao redor das obras e artistas deixava minhas ideias sobre elas mais complexas e com mais aberturas, de modo que cada mediação influenciava diretamente todas as outras de forma positiva. Mais do que estarem ali para acessar, mediadores estão constantemente aprendendo e intensificando o processo”

- Rodrigo Nóbile

“A exposição que me proporcionou muitas emoções e experiências, principalmente por ter sido muito frequentada. Foram poucos os dias que não tínhamos visitantes para nos desdobramos em conversas ou até mesmo tirar dúvidas de crianças curiosas durante as mediações. Sem contar os momentos de diversão ao observar pessoas que chegavam na exposição sem interesse nenhum nas obras e aos poucos se deixavam capturar pela exposição.”

- Adriele Storini

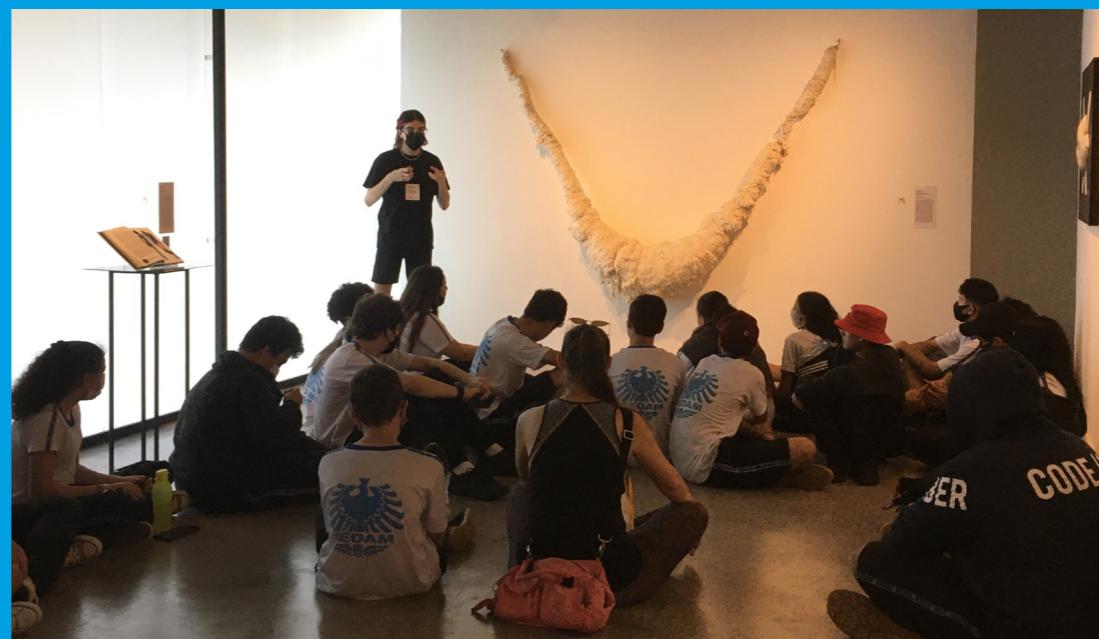


“Quando penso nesta exposição, me lembro de corpos. Corpos habitando este espaço expositivo e dizendo o que amam e odeiam. As expressões dos mediadores a cada reação e o prazer da troca. Recebemos alunos e levamos alunos. Pais de artistas pedindo para fotografá-los ao lado da obra e nos revelando curiosidades sobre seus filhos, que talvez, não eram para serem reveladas. Foram mais de mil corpos transitando e sendo mediados. Mediação cultural possibilita, ao corpo que ocupa a exposição, o hábito de habitar”

- Alanis Okuzono

“Mediar a exposição “em tempos de opacidade” foi duplamente desafiador, pois muitos/as alunos/as que visitavam nunca haviam entrado em um espaço expositivo com obras de arte contemporânea. Pensei, então, em maneiras de deslocar um olhar objetivo e a ânsia por respostas exatas acerca dos “significados” das obras que sempre procuravam. Decidi em começar as mediações convidando as pessoas a suspenderem um pensamento binário de certo e errado e, assim, consegui estabelecer uma relação de maior liberdade entre nós para que os pensamentos fluíssem e os/as alunos/as fossem atravessados/as pelas obras de maneira particular”

- Auguste Montini





REALIZAÇÃO:

Prefeitura de Maringá / Secretaria Municipal de Cultura

Prefeito: Ulisses Maia

Secretário Municipal de Cultura: Victor Simião

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Reitor: Julio César Damasceno

Diretor de Cultura: Rael Toffolo

Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR)

Diretora: Ana Rocha

Setor do Acervo: Cláudia Rejane Schavarinski Almeida Santos

Setor Educativo: Lucia Venturin de Matos

Setor de Pesquisa e Documentação: Crislene Bueno de Carvalho Galdino

APOIO:

DOBRA - Grupo de Pesquisa em Arte, Subjetividade, Educação e Diferença

Responsável: Roberta Stubs

Realizada no Centro de Ação Cultural de Maringá (CAC), a exposição **Em Tempos de Opacidade** integra as atividades do III Seminário Maringaense de Arte Contemporânea, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura de Maringá, em parceria com o Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-Paraná) e com a Universidade Estadual de Maringá (UEM).



MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DO PARANÁ



EXPOSIÇÃO:

Produção Executiva: Gêrência de Patrimônio Histórico - SEMUC

Obras: Acervo Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-Paraná)

Artistas: Antônio Dias, Amilcar de Castro, Bruno Moreschi, Carlos Zílio, Cleverson Salvaro, Dulce Osinski, Eduardo Freitas, Eliane Prolik, Elida Tessler, Guita Soifer, Ivens Fontoura, Marcello Nitsche, Marcos Chaves, Rodrigo Braga, Túlio Pinto, Vânia Mignone

Curadoria e Texto: Roberta Stubs

Assistente de Curadoria: Gustavo Barrionuevo

Coordenação de ações formativas: Maddox - Cleberson Diego Gonçalves

Mediação: Grupo Dobra

Mediadores: Adrieli Storini, Alanis Okuzono, Auguste Montini, Jaqueline Nascimento, Kelly Salgado, Rodrigo Nóbile

Montagem: Cristian Teles

Assistente de Montagem: Amanda Fatur

CATÁLOGO:

Organização Editorial: Roberta Stubs

Design Gráfico: Gustavo Barrionuevo

Textos: Ana Rocha, Maddox Cleber, Roberta Stubs e Victor Simião

Revisão: Danielle Marta Loddi Santos

Créditos das Imagens:

Bulla Jr. (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 24, 27, 28, 29)

Kraw Penas (16, 17, 18, 19, 25, 16, 33)

Anderson Astor (23)

Rodrigo Braga (30, 31, 32)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Em tempos de opacidade [livro eletrônico] /
curadoria de Roberta Stubs. Maringá, PR:
Roberta Stubs, 2022.
PDF

ISBN 978-65-00-44001-0

1. Arte contemporânea brasileira 2. Artes
visuais - Exposições - Catálogos I. Stubs, Roberta.

22-109011

CDD-709.8162

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea brasileira : Exposições :
Maringá : Paraná : Estado : Catálogos 709.8162

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



ISBN: 978-65-00-44001-0

CBL



9 786500 440010